

Aumenta a produtividade entre profissionais no trabalho remoto, mas há restrições

Passado um ano do início das restrições de contato social por conta do Coronavírus, nota-se um aumento na percepção de que a produtividade no trabalho remoto é maior do que no trabalho presencial

A Fundação Dom Cabral, apresenta, em parceria com a Grant Thornton Brasil e a Em Lyon Business School, o resultado da segunda edição da pesquisa 'Novas Formas de Trabalhar: as adequações ao home office em tempos de crise', que procurou identificar como as pessoas e as organizações estão buscando a adaptação e o equilíbrio entre trabalho e questões relacionadas à preservação da qualidade de vida e da saúde mental.

Passado um ano do início das restrições de contato social por conta do Coronavírus, nota-se um aumento na percepção de que a produtividade no trabalho remoto é maior do que no trabalho presencial. Mais de 58% dos respondentes da pesquisa afirmaram ser mais produtivos ou significativamente mais produtivos em home office. Em 2020, esse índice ficou em torno de 44%. Ainda nesta questão, considerando somente a opção "significativamente mais produtivo", as mulheres tiveram uma proporção de respostas de 29,1% contra 18,1% entre os homens.

Outro dado relevante diz respeito aos diversos cargos hierárquicos. Entre profissionais em postos de gerência e/ou liderança, apenas 13% das respostas apontam para patamares menores ou significativamente menores de produtividade no trabalho remoto. Entre profissionais



O senso positivo de produtividade nem sempre está alinhado à percepção de equilíbrio e bem-estar do colaborador.

de nível hierárquico mais elevado, essa proporção atingiu 22,4%.

Com relação aos desafios do trabalho remoto, a pesquisa revela que o senso positivo de produtividade nem sempre está alinhado à percepção de equilíbrio e bem-estar do colaborador. Entre as opções oferecidas aos pesquisados, para identificar os principais obstáculos do home office, as três que mais se destacaram foram "maior volume de horas trabalhadas", apontado por 24%; "dificuldade de relacionamento" e "dificuldade de comunicação", ambas com 16%. Para 14% dos respondentes, o "equilíbrio com demandas pessoais" é também uma das questões presentes.

A pesquisa buscou saber ainda quais os receios quanto à continuidade do trabalho remoto. Para 20,6% o maior deles é a perda de convívio social, seguida de maior carga de trabalho no modelo

remoto (15,5%) e piora de comportamento por ausência de convívio (13,5%). Ou seja, teme-se pela continuidade de uma carga de trabalho elevada que cause ou reflita a dificuldade de equilibrar vida pessoal e profissional. Além disso, a continuidade da situação que impõe o trabalho remoto faz com que a perda do convívio, e seus consequentes prejuízos, perdure.

"Na primeira edição da pesquisa, no início da pandemia em 2020, foi possível concluir que os entrevistados percebiam a experiência do trabalho remoto como positiva, mas já existia uma preocupação com relação à administração das tarefas de trabalho e das de ordem pessoal, tanto do ponto de vista organizacional quanto de relacionamento com as pessoas", lembra Fabian Salum, professor da Fundação Dom Cabral.

"Depois de um ano, cons-

tatamos a concretização de alguns receios e como a percepção sobre o aumento da produtividade no trabalho remoto mostra seu custo, quando o assunto é equilíbrio e bem-estar. Os comentários dos respondentes apontam para um esgotamento mental que envolve tanto a situação crítica própria da pandemia quanto os desafios mencionados anteriormente. Por isso, não podemos nos deixar seduzir pela alta produtividade. Faz-se necessários ajustes nos três níveis: organização, equipes e indivíduos", conclui.

"Esta pesquisa nos traz informações muito importantes sobre quais pontos devem passar a ser foco de atenção nas relações de trabalho a partir de agora, principalmente por parte das lideranças empresariais. A experiência acumulada ao longo de um ano de trabalho remoto por conta da pandemia, com todo o processo de mudança ao qual a cultura organizacional foi submetida, precisa ser canalizada para a preservação do bem-estar na gestão do capital humano, a fim de manter o engajamento das pessoas com relação aos resultados da organização", avalia Ronaldo Loyola, sócio da área de Capital Humano, da Grant Thornton Brasil.

Fontes e outras informações: (www.fdc.org.br) e (www.grantthornton.com.br).

Mineradores urbanos – o furto de cobre e o seu impacto na sociedade

André Ferreira (*)

O cobre é um metal de grande flexibilidade e um excelente condutor elétrico

Dada essas características, ele é amplamente utilizado na indústria e, hoje, as empresas de telefonia, internet e distribuição de energia são algumas das principais consumidoras desse metal. Para que essas empresas levem seus serviços até seus clientes, são aplicadas milhas de cabos distribuídos por toda parte, principalmente em grandes centros urbanos, seja de forma aérea, com o uso de postes ou por galerias subterrâneas.

Com tantas possibilidades para uso do cobre, nos últimos anos aumentou o número de casos de furto de cabos nos grandes centros urbanos. Um levantamento feito pelo Sindicato das Empresas de Telecomunicações divulgado em 2019 apontou que quatro milhões de metros de cabos de cobre foram furtados no Rio de Janeiro, gerando um prejuízo estimado em R\$ 700 milhões por ano.

Além disso, temos um custo indireto com um altíssimo número de clientes impactados. Dentre eles, temos hospitais, delegacias, comércios e delivery, o que gera um grande impacto social com o prejuízo desses serviços essenciais que são acometidos. E não podemos esquecer também da pessoa física, que, em tempos de pandemia, trabalha em home office. Todo esse impacto financeiro e social é elevado por essa "indústria paralela" de mineração do cobre.

Na maior parte dos casos, os furtos de cabos são realizados por pessoas em situação de rua e dependentes químicos, gerando a carga necessária para a manutenção do vício. Essa é a primeira camada na pirâmide de atores envolvidos nesse crime e a atuação da polícia prendendo essas pessoas não gera o resultado esperado, pois trata-se de um crime de menor potencial ofensivo e a volta dessas pessoas para as ruas é quase que imediata. Fato é que o furto só ocorre porque tem quem compra o material roubado.

Na segunda camada da pirâmide temos os receptores, que na maioria são sucatas de pequeno porte, normalmente instaladas em áreas carentes e dominadas pelo tráfico de drogas ou por milícias. Nesses locais, o material, já decapado e queimado pelos atores da primeira camada da pirâmide, é revendido para sucatas de maior porte ou diretamente para as grandes usinas. No topo dessa pirâmide estão as grandes usinas de cobre.

Nessa camada é quase impossível a rastreabilidade

de da origem da matéria prima, que é triturada e reprocessada para entrar novamente no mercado, inclusive voltando para as empresas nascidas do roubo. O combate a esse tipo de crime pela segurança pública deve se concentrar nos receptores, pois já está provado que a prisão dos executores dos furtos é como enxugar gelo.

Ações de inteligência para chegar aos receptores e a execução de penalidades mais rígidas são os caminhos para a diminuição dessa modalidade de crime. Entretanto, a participação das empresas impactadas é fundamental, realizando o registro das ocorrências para o levantamento de dados, como locais e horários de maior incidência. Além disso, é preciso garantir a identificação do cabo para caracterização do crime de furto ou recepção.

Também é importante o envolvimento de outros órgãos públicos, como o Ministério do Trabalho e os órgãos de fiscalização e proteção ambiental, pois as sucatas não só compram cobre de procedência ilícita, como exploram o trabalho semelhante ao escravo, com ambientes laborativos insalubres e jornadas de trabalho exploratórias.

Isso sem contar os diversos crimes ambientais, como o descarte inapropriados de equipamentos orgânicos e de alta degradação ambiental.

Em paralelo, as empresas vítimas precisam adotar medidas para diminuir seus índices de furto. Nos últimos anos, as empresas de telefonia iniciaram um trabalho de descomissionamento das estruturas que utilizam os cabos de cobre e os cabos metálicos derivados substituindo por fibra óptica, material que não tem valor comercial.

Contudo, esse trabalho leva tempo para atingir um nível ideal a ponto de gerar resultados nos índices futuros. Outro ponto importante é que, comumente, os cabos de fibra óptica são confundidos com cabos metálicos e acabam sendo vandalizados, ainda gerando impacto para os clientes dessas empresas. É fato que as empresas impactadas por esse tipo de crime precisam adotar medidas para mitigação desse tipo de risco e sozinhas as chances de sucesso diminuem bastante. A ajuda de empresas especializadas em segurança permite que novas soluções sejam encontradas e implantadas, gerando resultados efetivos e evitando o risco de investimentos em ações equivocadas que não tenham o resultado esperado.

(*) - É consultor sênior de segurança empresarial na ICTS Security, empresa israelense que atua com consultoria de operações em segurança (www.ictssecurity.com.br).

As "teles" criam empresas diferentes para suas infraestruturas de fibra

Carlos Eduardo Sedeh (*)

A fibra óptica, base para o 5G e o melhor meio físico para suportar as novas tecnologias emergentes, se tornou o centro de uma relevante mudança no modelo de negócios das empresas de telecomunicações.

Aproveitando o momento de alta liquidez em todo o mercado mundial, elas iniciaram seu processo de carve-out, que consiste em separar as redes e infraestruturas de fibra óptica das companhias que prestam serviços de telecom, para fazer capitalizações diferentes, com objetivo de monetizar esses ativos e reduzir seu endividamento.

O movimento de desassociar os ativos non-core começou com as infraestruturas de torres (ERBs), que foram vendidas para empresas "torreiras", responsáveis pela administração e operação desses ativos, passando pelos data centers e agora está no segmento das redes de fibra. O modelo chamado de InfraCo, já acontece de forma madura em outros mercados, como EUA, Europa e Ásia.

Por aqui, há uma característica peculiar,

que colaborou com o design desse cenário dos negócios. Com a privatização, em 1997, as incumbentes herdaram toda a estrutura legada de rede existente, como fibra, dutos e cobre. Então, por falta de melhor opção, passaram a ser donas de ativos non-core (incluindo terrenos, edifícios, entre muitos outros), além do core, que é a prestação do serviço em si. Agora, seguimos para um modelo mais parecido com o internacional.

Entendo que faz muito mais sentido uma empresa de infraestrutura explorar de forma dedicada esses ativos. O retorno do capital empregado é diferente na comparação com uma operação de serviços, no que diz respeito a taxas e riscos envolvidos. Hoje, as empresas usam as redes para prestar serviços aos seus clientes e até comercializam para terceiros, mas isso se transforma marginalmente em valor para os acionistas.

Com uma abordagem financeira, é muito benéfico separar as companhias entre serviços e infraestrutura, o que proporciona, inclusive, a atração de investidores diferentes para desalavancar a companhia. Para se ter uma

ideia, empresas de telecom focadas em serviços, valem em média de 5 a 6 vezes o Ebitda - lucro antes da depreciação, pagamento de impostos, amortização e juros.

Já as organizações de infraestrutura, não raro, chegam a valer até 20 vezes o Ebitda. Por isso, esse desenho societário deve ser considerado como uma opção. O cenário parece bastante promissor, mas é preciso lembrar que para a InfraCo ser um negócio efetivo e real, é necessário que essas redes sejam neutras, ou seja, que a companhia de infraestrutura possa oferecer as mesmas condições de prazo e preço a qualquer outra empresa, de forma isonômica.

Bem como, que não dependam quase que integralmente das receitas dos serviços que prestam à empresa de telecom de onde vieram. Assim, serão grandes as chances de sucesso como um negócio autônomo.

(*) - É CEO da Megatelecom, empresa que oferece serviços personalizados na área de telecomunicações e Vice-presidente Executivo da Telcomp (Associação Brasileira das Prestadoras de Serviços de Telecomunicações Competitivas).

PORTAL

Empresas
& Negócios

Mais de 43 mil* oportunidades de fazer negócios. Esta é a visibilidade que seu produto ou serviço têm em nosso portal.

Acesse:

<https://jornalempresasenegocios.com.br/contato/>

ou

Telefone

(11) 3106-4171 / 2369-7611